

História do cerco de Lisboa: As fontes medievais de José Saramago e a transfiguração literária da história

HISTORY OF THE SIEGE OF LISBOA: THE MEDIEVAL SOURCES OF JOSÉ SARAMAGO AND THE LITERARY TRANSFIGURATION OF HISTORY

Felipe dos Santos Matias*

Gerson Luiz Roani**

Resumo

No romance História do cerco de Lisboa, vislumbra-se a utilização dos textos medievais como um procedimento escritural que aprofunda a interlocução entre a literatura e a história. Sob essa ótica, nosso estudo tem como objetivo situar a maneira como a ficção de José Saramago realiza a representação dos acontecimentos e fatos históricos, discutindo sobre a dimensão discursiva, portanto narrativa, tanto da literatura quanto da história. Metodologicamente, fazemos dialogar comparativamente o discurso histórico (textos historiográficos) com a ficção romanesca.

Palavras-chave: Saramago, Literatura, História, Textos Medievais.

Abstract

In the novel História do cerco de Lisboa there is the use of medieval texts as a procedure for writing that deepens the connection between literature and history. In this vision, our study aims to show how the text of Jose Saramago makes the representation of events and historical facts showing the characteristic discursive therefore narrative, both of literature, as in history. As a methodology, we make a comparison of historical discourse (text historiografic) with fiction.

Key words: Saramago, Literature, History, Medieval Texts.

I Introdução

Dos romances de Saramago que tratam da problemática história/ficção, a obra *História do cerco de Lisboa* (1989) é particularmente instigante, pois ela destaca-se, dentro da produção saramaguiana, na medida em que a partir de um episódio bem conhecido da história portuguesa – a conquista de Lisboa aos mouros no ano de 1147 com a ajuda dos cruzados que aportaram em Portugal a caminho da Terra Santa –, José Saramago promove uma reflexão acerca da dimensão discursiva da história e da ficção. Nesse romance, Saramago transfigura ficcionalmente o universo de relatividade e de comprometimento ideológico da escrita da história. Por meio das atitudes e pensamentos do revisor Raimundo Silva, protagonista da obra, evidencia para o leitor que a história deve ser encarada não como um saber objetivo, mas, sim, como uma construção verbal, marcada pela parcialidade e pluralismo.

Há em *História do cerco de Lisboa* a presença de fontes historiográficas oriundas da Idade Média portuguesa, as quais são fundamentais para a criação da narrativa ficcional de Saramago. Dentre essas fontes, destacam-se a “Conquista de Lisboa aos mouros em 1147. Carta de um cruzado inglês”, escrita por Osberno, e “A conquista de Santarém”, narrada, segundo a tradição portuguesa, por Dom Afonso Henriques. Este artigo investiga a presença e a reescrita, no romance escolhido como objeto de estudo, dessas referências históricas que condicionam a escritura de Saramago. É o estudo da natureza da expressão literária do acontecimento histórico referente ao cerco de Lisboa que tomamos como o objetivo do presente estudo.

2 História do Cerco de Lisboa: articulações do discurso histórico com a narrativa ficcional

História do cerco de Lisboa, publicada em 1989, assenta sobre a combinação de narrativas múltiplas acerca do acontecimento do cerco de Lisboa, que são oriundas de um conflito de memórias que, por sua vez, é promovido pela revisão que Raimundo Silva, o protagonista, faz de um livro de historiografia sobre esse episódio. A história do cerco de Lisboa transforma-se no tema central do romance de Saramago quando o revisor Raimundo Silva propositadamente transgride a “verdade” histórica ao inserir um “não” rebelde no texto sobre o cerco de Lisboa que corrigia. Com esse “não”, Raimundo Silva muda a versão oficial a respeito da ajuda dos Cruzados ao rei Afonso Henriques na Reconquista de Lisboa, passando a afirmar que os Cruzados não ajudaram o rei Afonso Henriques no cerco à cidade moura. Esse ato de infração do discurso histórico abre caminho para que um dos acontecimentos mais significativos da fundação da nação portuguesa seja revisitado e rediscutido, resultando não apenas na problematização da representação oficial do mesmo, como também na sua reconstrução literária. O trecho a seguir focaliza a inserção, pelo revisor, do controvertido “não” na história oficial:

É evidente que acabou de tomar uma decisão, e que má ela foi, com a mão firme segura a

esferográfica e acrescenta uma palavra à página, uma palavra que o historiador não escreveu, que em nome da verdade histórica não poderia ter escrito nunca, a palavra Não, agora o que o livro passou a dizer é que os cruzados Não auxiliarão os portugueses a conquistar Lisboa, assim está escrito e portanto passou a ser verdade, ainda que diferente, o que chamamos falso prevaleceu sobre o que chamamos verdadeiro, tomou o seu lugar, alguém teria de vir contar a história nova, e como (Saramago, 1989, p. 50).

Por mais que a “nova” *História do cerco de Lisboa* de Raimundo Silva seja a história de um “não”, pelo fato de que nela os cruzados não ajudaram o rei Afonso Henriques a reconquistar Lisboa aos mouros, ela foi escrita pelo revisor a partir de consultas a fontes narrativas históricas, como a “Carta de um cruzado inglês” de Osberno (1989), conforme o próprio narrador nos revela ao dizer “a informação é de boa origem, diz-se diretamente do célebre Osberno” (Saramago, 1989, p. 124). Saramago, consciente de que as fontes narrativas são documentos históricos de muito valor e que nos revelam muito sobre o passado, aproximase do pensamento do historiador Georges Duby (1986), segundo o qual as fontes narrativas constituem-se numa importante “reserva de material para o estudo das mentalidades e das ideologias, pelo que interessa examinar a influência do que é lembrado e, sobretudo, do que é esquecido na representação de um determinado acontecimento” (p. 9-10).

Raimundo Silva consulta as fontes históricas para criar a sua nova história sobre o cerco de Lisboa. A partir da consulta à crônica de Osberno, o revisor reinventa o encontro entre os cruzados e o rei Afonso Henriques, buscando promover as alterações que julga necessárias. Assim como no relato do cruzado inglês (primeiro fragmento), o texto de Raimundo Silva (segundo fragmento) também descreve o primeiro contato entre eles:

À aproximação do rei, quase todos, pobres e ricos, como costuma acontecer em tais ajuntamentos fomos ao encontro. Como, porém, o rei perguntasse quais de nós eram os principais, e aqueles cujas resoluções era mais respeitadas, ou se encarregáramos alguém para lhe dar uma resposta em nome de todo o exército, em poucas palavras lhe dissemos quais os nossos chefes, e aqueles cujos atos e resoluções mais respeitávamos (Osberno, 1989, p. 36).

Fundamentando-se na providencial fonte osbérnica (...) quase todo aquele pessoal, ricos e pobres, assim o refere explicitamente, ouvindo que se aproximava D. Afonso Henriques, lhe foram ao encontro festivamente. (...) Vinha aí pois D. Afonso Henriques, e os chefes dos cruzados, de quem foi feita já menção completa, ressalvada a insuficiência das fontes, esperavam-no postos em linha com alguma da sua gente, porquanto o mais do exército continuava na frota à espera de que seus senhores decidissem do destino que iriam ter (Saramago, 1989, p. 137-138).

No primeiro fragmento, tem-se o texto medieval “Carta de um cruzado inglês”, de Osberno, um texto medieval que narra a conquista de Lisboa. Percebe-se claramente uma narração concisa por parte do cruzado inglês, o qual foi testemunha ocular do que se passou em Lisboa do acontecimento de 1147, conforme afirmam os historiadores. A partir da leitura da narração de Osberno e de outros textos que o tomaram como incontornável autoridade, Raimundo Silva confecciona a sua história de cerco à muçulmana Lisboa. No entanto, nota-se no segundo fragmento que, para Raimundo Silva, o rei Afonso Henriques não

precisou perguntar pelos chefes dos cruzados, visto que estes já se encontravam à frente dos seus respectivos comandados, em razão de que existia no feudalismo uma relação de vassalagem, na qual o senhor feudal, o suserano, tinha o comando do exército, que era composto pelos seus vassalos.

Uma segunda interlocução entre a crônica de Osberno e o texto saramaguiano pode ser observada no discurso de D. Afonso Henriques aos cruzados, por meio do qual o rei buscou conseguir a ajuda destes para reconquistar Lisboa. Os trechos a seguir ilustram a relação entre as duas narrações:

Sabemos bem, e temos diante dos olhos, que vós haveis de ser homens fortes, denodados e de grande destreza; e, em verdade, a vossa presença não diminuiu à nossa vista o que de vós nos dissera a fama. Não vos reunimos aqui para saber o quanto a vós, homens de tanta riqueza, seria bastante prometer para que, enriquecidos com as nossas dádivas, ficásseis conosco para o cerco desta cidade. (...) Mas, porque não queremos que ignoreis os nossos recursos e quais as nossas intenções para convosco, nem por isso deveis desprezar a nossa promessa, pois que consideramos como sujeito ao vosso domínio tudo que a nossa terra possui (Osberno, 1989, p. 37).

Nós cá, embora vivamos neste cu do mundo, temos ouvido grandes louvores a vosso respeito, que sois homens de muita força e destros nas armas o mais que se pode ser, e não duvidamos, basta pôr os olhos nas robustas compleições que ostentais (...) vocês dizem quanto levam pelo serviço, e a gente logo vê se pode chegar ao preço (Saramago, 1989, p. 139-140).

Ao ler os dois fragmentos, compreende-se que Saramago fez uso do texto medieval de Osberno para compor a sua narrativa. Tem-se aí uma nítida intersecção entre literatura e história, pois, a partir de um testemunho histórico, o escritor português articulou o seu discurso ficcional. No segundo trecho, retirado do romance de Saramago, observa-se uma construção textual que acompanha de perto a fonte medieval, visto que nela o rei D. Afonso Henriques também reconhece a força e a destreza dos cruzados, as façanhas que esses guerreiros conquistaram, conforme informa a carta do cruzado inglês. Saramago também insere em seu texto a questão da proposta material que o rei oferece aos cruzados como recompensa pela reconquista de Lisboa, assim como a narrou Osberno.

Ainda no segundo fragmento no início do discurso do rei português aos cruzados, quando ele diz “Nós cá, embora vivamos neste cu de mundo”, percebe-se, claramente, que o narrador saramaguiano fez uso de uma expressão irônica e debochada com o intuito de desconstruir a idéia geral entre os portugueses de que a Lusitânia sempre foi o território mais importante e aquinhoado por Deus neste mundo. Além disso, a expressão “cu do mundo”, por ser imprópria para a ocasião (discurso aos veneráveis cruzados) e para um rei, provoca o riso no leitor, contribuindo para desmascarar e derrubar a idéia de um rei altivo que a história lusitana sempre propagou. A respeito desse assunto, Gerson Roani (2002) registra:

A reescrita do discurso real, efetuada pela narrativa de Saramago, está ancorada numa visão carnavalizada das ações do rei (...) Contrariamente à aceitação dos padrões culturais, das normas, das

descrições e das posturas tradicionalmente vigentes no âmbito da historiografia lusitana, o romance de Saramago insiste na inversão, na desconstrução histórica, na desierarquização do mundo e da sociedade lusa. Segundo esse enfoque, a solenidade e a excelência da fala real cede lugar a uma elaboração discursiva, impregnada de comicidade, humor e ironia. Afonso Henriques abre o discurso com uma louvação da terra portuguesa feita às avessas, na qual Portugal é caracterizado como “o cu do mundo”. Na fala do rei, o uso dessa expressão desconstrói a pose de nação idílica sem igual e o ufanismo, atribuídos a Portugal por provincianice e sentimentalismo incurável (p. 112).

A partir do que expõe Roani, pode-se perceber que Saramago, ao usar a expressão “o cu do mundo” na fala do rei, procurou apontar a situação periférica de Portugal no quadro das nações europeias não só no que tange ao isolamento, o qual é decorrente da distância do reino português em relação aos outros povos da Europa, mas também no que se refere à submissão econômica, política e cultural.

Em entrevista concedida à revista portuguesa *Vértice*, José Saramago declarou que, por meio de seus romances, busca refazer e ampliar a história e admitiu que “a verdade é que meu sentimento habitual em relação à História é sobretudo o da insatisfação” (Rebelo, 1989, p. 86). O escritor confirmou que *História do cerco de Lisboa* é o seu romance que mais problematiza e discute a natureza do conhecimento histórico, nas suas linhas de força e nas suas contradições limitadoras. Acerca da sua insatisfação para com os textos históricos, sobretudo contra o dogmatismo com que o discurso histórico apresenta-se como inabalável verdade, e do seu desejo constante de ampliar e acrescentar algo ao discurso historiográfico, o excerto a seguir é bastante explicativo:

Digamos que não me satisfaz aquilo que os textos históricos me dizem; informam-me, esclarecem-me, evidentemente, porque é justamente para isso que a História se faz, que a História se escreve, mas a verdade é que me deixa sempre com essa sensação de falta, de ausência – falta aqui qualquer coisa – e digamos que com este romance e com o meu trabalho de ficção, é certamente por vezes como se eu quisesse, mas também às vezes e, talvez mais do que isso, é como se eu quisesse acrescentar, como se quisesse dizer: “atenção!, o que disseram está bem, mas falta qualquer coisa, que eu venho dizer”. (...) De resto, quando da conversa inicial entre o revisor e o autor, o revisor chega ao ponto de dizer que a própria história é literatura, digamos que no fundo é isso mesmo (Saramago, 1989, p. 86).

No fim do excerto, Saramago revela que para ele a história é, na verdade, uma forma de literatura, declaração que deixa nítido que Raimundo Silva representa dentro da narrativa o pensamento saramaguiano, na conversa que o revisor tem com o historiador. Nesse belo e frutífero diálogo, Saramago conseguiu condensar em poucas páginas toda uma discussão sobre as relações entre história e literatura. O trecho a seguir, retirado da conversa entre o revisor Raimundo Silva e o historiador, é bastante elucidativo:

Recordo-lhe que os revisores são gente sóbria, já viram muito de literatura e vida, O meu livro, recordo-lhe eu, é de história. Assim realmente o designariam segundo a classificação tradicional dos gêneros, porém, não sendo propósito meu apontar outras contradições, em minha discreta opinião, senhor doutor, tudo quanto não for vida é literatura. A história também. A história sobretudo, sem querer ofender (Saramago, 1989, p. 15).

Uma outra fonte medieval utilizada por Saramago na composição do romance em questão é o texto “A conquista de Santarém”, no qual D.Afonso Henriques, também chamado de Afonso I, fez o relato da tomada de Santarém aos mouros, antes de se voltar contra a moura Lisboa. Trata-se de uma fonte histórica muito fecunda e importante, resgatada e divulgada por Frei António Brandão, na qual o rei narra alguns pormenores da conquista de Santarém. O início do relato é o seguinte:

Juro perante Deus do céu, a cujos olhos tudo é claro e evidente, que tenho por muito menores milagres o terem outrora caído os muros de Jericó, e a paragem do Sol, a pedido de Josué, sobre o Gabaão, do que este que agora obrou comigo a piedade e a misericórdia divinas, e louvo o nome de Cristo, cujos juízos são impenetráveis e as obras maravilhosas, por si e pela sua santidade. Nos últimos tempos, Ele não repete os milagres antigos, mas ultrapassa-os.

Na verdade, todos os que isto ouvirem terão por incrível que Santarém, uma cidade excelentemente defendida por grande número de soldados e parecendo inexpugnável por estar apetrechada de toda a espécie de maquinaria de guerra, tenha sido conquistada por tão reduzido número de guerreiros (Henriques, 1992, p. 94-95).

Esse fragmento nos dá a dimensão da riqueza da fonte, visto que Dom Afonso Henriques participou da batalha como comandante e, assim, foi testemunha ocular do que aconteceu. Logo no início, o rei faz um juramento cristão a respeito da veracidade da narração, prática muito comum na Idade Média, pelo fato de as histórias serem transmitidas e propagadas pela oralidade. Mas o que desperta a atenção é que o rei afirma ter ocorrido um grande milagre na conquista de Santarém, digno de intervenção divina, pois os portugueses estavam em um número muito inferior ao dos mouros, e, ainda assim, conseguiram derrotá-los. Em *História do cerco de Lisboa*, Saramago resgata esse suposto milagre em sua narrativa:

Ainda há três meses tomamos Santarém com uma escada de mão e meia dúzia de homens, que tendo entrado depois o exército foi toda a população passada à espada, homens, mulheres e meninos, sem diferença de idades e terem ou não terem armas na mão, só escaparam os que conseguiram fugir e foram poucos (Saramago, 1989, p. 140).

Nota-se que Saramago compôs esse trecho com certo tom irônico, talvez incrédulo em acreditar que aconteceu um milagre naquela batalha em Santarém e que os portugueses estavam em tão menor número como narrou D.Afonso Henriques. Há certo deboche quando Saramago insere no discurso do rei a expressão “tomamos Santarém com uma escada de mão e meia dúzia de homens”, visto que para o romancista os portugueses certamente estavam em grande número, e não com apenas “meia dúzia de homens”, pois não iriam arriscar de maneira tão estúpida as suas vidas.

Um outro momento da obra em que Saramago utiliza a fonte medieval “A conquista de Santarém” é o trecho no qual é mencionada a personagem histórica Mogueime, que depois se tornará um dos

protagonistas do livro que Raimundo Silva escreve como versão alternativa ao cerco de Lisboa que as fontes factuais registram. Mogueime foi um soldado lusitano que participou da batalha em Santarém e que, por ser mencionado na crônica de D. Afonso Henriques, possui uma notoriedade histórica mínima, conforme ilustra a leitura a seguir:

Então Mem Ramires, adiantando-se, subiu com os seus por Alcúdia e corajosamente escalou a casa de um oleiro, junto das muralhas; com a lança elevou uma escada até atingir a parte superior da muralha. Esta não pôde firmar-se em cima e, caindo do alto, produziu enorme ruído.

Mem Ramires afligiu-se muito com esse percalço, com receio de que as sentinelas, atraídas pelo estrondo, se pusessem alerta, e desanimado por momentos, mandou que um rapaz, de nome Moqueime, subisse sobre seus ombros. Este subiu imediatamente para cima da muralha e atou a escada ao baluarte. Subiu a seguir Mem Ramires e depois outros, como melhor puderam (Henriques, 1992, p. 104-105).

Percebe-se claramente nesse trecho que o rei se refere ao soldado como Moqueime. Diferentemente da crônica de D. Afonso I, Saramago prefere chamar o soldado de Mogueime, talvez pela razão de pensar que um estudo diacrônico comprovaria uma mudança fonética do “q” para o “g” ao longo dos séculos. Mas, sem entrar nesse mérito, o importante é perceber que Mogueime (doravante assim) é inserido na narrativa saramaguiana para contar como foi a tomada de Santarém:

Diz Mogueime, Que foi pela calada da noite (...) e quando pareceu bem a Mem Ramires, que era o que mandava nesses que estavam comigo, demos em subir asinha a ladeira, a tenção era prender uma escada no muro levantando-a numa lança, mas quis a má fortuna, ou o Maligno para empecer a obra, que resvalasse com grande som indo cair no telhado de um oleiro, foi a aflição muita de todos, se os vigias acordassem havia perigo de perder-se a empresa, abaixamo-nos cosidos com a sombra do muro, e depois, como não davam os mouros sinal, chamou-me Mem Ramires por ser o mais alto e mandou-me que subisse aos seus ombros, e eu preendi a escada em cima, depois subiu ele, e eu com ele, e outro comigo (Saramago, 1989, p. 186-187).

Ao fazer a leitura desse trecho, visualiza-se de modo bem claro que há uma intertextualidade com a fonte medieval “A conquista de Santarém”, visto que também conta como foi que os portugueses conseguiram penetrar na muralha que os mouros construíram em Santarém. O curioso é notar que Saramago utilizou o personagem histórico Mogueime para inserir esse texto histórico na sua narrativa. Ao optar por fazer com que o soldado narrasse o que ocorreu em Santarém, Saramago dá voz àqueles que a história silenciou e esqueceu. Talvez seja a forma que o escritor português encontrou para narrar esse acontecimento por uma outra ótica, pela visão de um simples subalterno, aquele que conseguiu amarrar a escada ao muro para que os portugueses pudessem invadir e conquistar Santarém, e que depois o crédito da façanha ficou quase todo para o seu superior, o senhor Mem Ramires, o qual é exaltado pela historiografia lusitana por ser o bravo e corajoso homem que conseguiu invadir Santarém. É certo que não se deve duvidar nem desmerecer o crédito de Mem Ramires, mas o que Saramago resgata e problematiza é que Mem Ramires não pode ser considerado o único herói de Santarém, visto que para conseguir vencer a batalha muitos

soldados deram as suas forças e, até, as suas vidas. No que concerne ao fato de Saramago inserir em sua narrativa as memórias de um simples soldado, Adriana Alves de Paula Martins (2006) registra:

As memórias de um simples soldado, mesmo que ele tenha desempenhado um papel de relevo no referido episódio histórico, normalmente não teriam merecido a atenção da historiografia oficial, pelo que o relevo que lhes é concedido deixa entrever que Saramago endossa a opinião do historiador Georges Duby quando este defende que as mais diversas fontes narrativas (não importando aqui distinções de ordem econômica ou social) são manancial importante na revelação dos sentidos ideológicos que permeiam a escrita da história e, conseqüentemente, a representação oficial da memória da nação (p. 350).

Por meio do que coloca Martins, pode-se perceber que Saramago procura preencher a lacuna deixada pelo texto histórico “A conquista de Santarém” ao inserir Mogueime na sua narrativa, visto que nada sabemos a respeito desse soldado, brevemente mencionado por Dom Afonso I em sua crônica. Saramago procura recontar, por meio de sua imaginação, um pouco a respeito desse soldado, dando vida dentro da ficção a um personagem que a história marginalizou. Para Adriana Alves de Paula Martins (2006), na escrita de Saramago há a necessidade “de propor a reconfiguração da memória coletiva a partir da perspectiva dos marginalizados” (p. 335), conforme se observou com relação a Mogueime. Nessa mesma direção de pensamento, Gerson Roani (2002), ao analisar a obra de Saramago, afirma que, “com efeito, não se fará uma história satisfatória de Portugal, enquanto não se fizer a história das minorias, dos marginalizados pela historiografia oficial: o povo simples, os camponeses, as mulheres” (p. 130). Saramago, em seus romances, tenta fazer um segundo retrato das figuras históricas, tanto os de relevo como os homens e mulheres comuns.

Com uma admirável engenhosidade narrativa, Saramago mostra aos seus leitores que a memória da nação portuguesa é necessariamente múltipla, pelo fato de que a sua configuração varia de acordo com a ótica segundo a qual ela é construída, enquanto sistema produtor de sentido(s) do passado. Para Adriana Martins (2006), o romance *História do cerco de Lisboa*, e principalmente a atitude do protagonista Raimundo Silva:

propõe uma nova forma de escrever a história (...) o labor ficcional de Raimundo Silva preconiza (i) a problematização do fenômeno histórico por oposição à sua descrição meramente analítica e objetiva; (ii) o estudo de um determinado episódio em função dos sentidos ideológicos decorrentes da conjuntura político-econômica e da estrutura da sociedade, encarada sob a ótica dos diferentes grupos que compõem a pirâmide social; e (iii) o diálogo com outras áreas do saber para a explicação e análise de um determinado evento (p. 356).

Ao articular a narração de um acontecimento histórico – o cerco de D. Afonso Henriques e seu exército aos mouros em 1147 – com a configuração de um texto ficcional também ligado ao cerco de Lisboa – a história de um “não” do revisor Raimundo Silva –, José Saramago revela aos seus leitores os processos que envolvem a produção dos discursos histórico e ficcional. Desse modo, o escritor português consegue

demonstrar ao longo de seu romance que uma oposição categórica entre os dois discursos é ineficaz e sem fundamento.

Ao realizar em sua narrativa uma discussão acerca da relação entre história e literatura, Saramago evidencia aos seus leitores que toda construção discursiva, seja historiográfica ou ficcional, implica necessariamente modelizações do real, em função das múltiplas leituras que do mesmo real podem ser feitas. Tal posição vem reforçar a crença de que história também é literatura e, por extensão, de que o historiador, tal como o escritor, também é um fingidor. Segundo Hayden White (1995), “a distinção mais antiga entre ficção e história, na qual a ficção é concebida como a representação do imaginável e a história como a representação do verdadeiro, deve dar lugar ao reconhecimento de que só podemos conhecer o real comparando-o ao imaginável” (p. 115). No romance de Saramago, o real (histórico) é equiparado ao imaginável, resultando numa ficcionalização da história pela arte literária. A partir da utilização de textos históricos na estruturação do texto literário, Saramago reinventa a história. E não importa se o mundo é concebido como real ou apenas imaginado, pois a maneira de lhe dar um sentido é a mesma. O romance *História do cerco de Lisboa* problematiza o processo de composição da escrita da história enquanto representação oficial da memória coletiva, redundando na sua caracterização como um exercício de fingimento, de criação. A respeito da importância da obra *História do cerco de Lisboa* e da produção saramaguiana de um modo geral para se compreender a relação entre literatura e história, Adriana Martins (1994) ressalta:

A História do cerco de Lisboa, além de provar a pertinência do diálogo entre a História e a ficção, completa, por outro lado, um ciclo de romances saramaguianos cujo olhar está voltado para a terra portuguesa, seu povo e sua(s) história(s), salientando a defesa da manutenção de um olhar crítico e agudo sobre uma sociedade que, pouco a pouco, após a Revolução dos Cravos, foi se abrindo ao diálogo com o mundo e, sobretudo, consigo mesma após anos de ditadura (p. 107-108).

Ao enxertar a sua imaginação criativa nas fontes medievais na composição do romance *História do cerco de Lisboa*, Saramago consegue semear dúvida no pensamento do leitor com relação à veracidade e credibilidade do que foi transmitido pelas fontes históricas. Ao contar o “que poderia ser” e não simplesmente “o que foi”, o escritor português, de acordo com Álvaro Cardoso Gomes (1993), procurou “desvelar a realidade, mostrar aquilo que os manuais de história omitiram por fragilidade metodológica ou por intencional postura ideológica” (p. 41-42). A narrativa ficcional saramaguiana retoma a história para ser interrogada, revisada e recontada. De acordo com Gerson Roani (2006), nota-se em Saramago que a “consciência do fazer literário alimenta o processo da escritura, apontando a provisoriedade do discurso e a reescrita da literatura e da história sob uma ótica renovadora” (p. 316).

3 Considerações Finais

Por fazer emergirem em *História do cerco de Lisboa* fontes medievais que fazem parte do acervo histórico de Portugal e que vão ser reorganizadas na narrativa segundo uma nova ótica, Saramago promove um conflito de textos históricos, determinando, com isso, uma releitura e um conseqüente rearranjo da memória da nação. Ao optar por reescrever a história do cerco à moura Lisboa sob uma ótica diferente da memória oficial, Saramago explicita em seu romance a responsabilidade que o escritor deve assumir para com o passado, tornando possível a busca de um novo sentido.

Ao inserir um “não” na história oficial, Raimundo Silva, a personagem central da trama saramaguiana, transforma-se num escritor que elabora uma versão do cerco de Lisboa, a qual vai em oposição à versão da história canonizada. Saramago instaura, com isso, um processo de revisitação do passado, que faz do romance uma tentativa de reinventar a memória da fundação de Portugal, a partir de um novo olhar a respeito da escrita da história.

É importante notar que Saramago faz em *História do cerco de Lisboa* um uso das fontes medievais de uma forma bastante inteligente, pois ele as utiliza de modo problematizador, buscando eliminar as lacunas existentes em tais textos. Na sua construção ficcional, os textos medievais servem como uma espécie de ponto de partida, por meio do qual a narrativa finca seus pés no discurso historiográfico, procurando questioná-lo, relativizá-lo e, principalmente, ampliá-lo. Para Saramago, o texto histórico é, em geral, repleto de fendas e vazios, os quais não satisfazem a nossa curiosidade acerca do passado. Com inventividade genuína, o romancista consegue ir muito além do discurso limitado e objetivo dos textos medievais, os quais não nos fornecem os pormenores do que aconteceu, fazendo-nos perceber que o processo criador de sentido da interpretação histórica aparece como “um ato essencialmente poético” (White, 1995, p. 12), aproximando-se na sua essência da criação literária.

Referências

DUBY, Georges. O historiador hoje. In: LE GOFF, Jacques (Org.). *História e nova história*. Lisboa: Teorema, 1986. p. 5-20.

GOMES, Álvaro Cardoso. *A voz itinerante: ensaio sobre o romance português contemporâneo*. São Paulo: EDUSP, 1993.

HENRIQUES, Afonso. A conquista de Santarém. In: PIMENTA, Alfredo. *Fontes medievais da história de Portugal*. Lisboa: Livraria Sá Costa, 1992. p. 93-106.

MARTINS, Adriana Alves de Paula. *A construção da memória da nação em José Saramago e Gore Vidal*.

Frankfurt: Europaischer Verlag der Wissenschaften, 2006.

_____. *História e ficção: um diálogo*. Lisboa: Fim de Século, 1994.

OSBERNO. *Conquista de Lisboa aos mouros em 1147 – Carta de um cruzado inglês*. Lisboa: Livros Horizonte, 1989.

REBELO, Luis de Sousa. Entrevista com José Saramago. *Vértice*, Lisboa, 14 maio 1989.

ROANI, Gerson Luiz. *No limiar do texto: literatura e história em José Saramago*. São Paulo: Annablume, 2002.

_____. *Saramago e a escrita do tempo de Ricardo Reis*. São Paulo: Scortecci, 2006.

SARAMAGO, José. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1995.

Dados dos autores:

*Felipe dos Santos Matias

Graduado em Letras – Universidade Federal de Viçosa/UFV – e Bolsista do PIBIC/CNPq.

Endereço para contato:

Universidade Federal de Viçosa – Centro de Ciências Humanas Letras e Artes

Departamento de Letras

Avenida Peter Henry Rolfs, s/n

Centro

36.570-000 Viçosa, MG – Brasil

Endereço eletrônico: lippem@yahoo.com

**Gerson Luiz Roani

Doutor em Literatura Comparada – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – e Professor Adjunto II de Literatura Portuguesa – Departamento de Letras/UFV.

Endereço para contato:

Universidade Federal de Viçosa – Centro de Ciências Humanas Letras e Artes

Departamento de Letras

Avenida Peter Henry Rolfs, s/n

Centro

36.570-000 Viçosa, MG – Brasil

Endereço eletrônico: gerson.roani@gmail.com

Data de recebimento: 21 maio 2008

Data de aprovação: 3 out. 2008



Universitário
www.universitario.com.br